

A relação entre habilidades cognitivas e os diversos tipos de preconceitos

**Amanda Karolliny Alves Lima
Stephanie Fernandes Vieira
Margareth Regina Gomes Veríssimo de Faria**

Centro Universitário de Anápolis - UniEvangélica

Resumo

Trata-se de uma revisão sistemática, haja vista a busca por discutir como as habilidades cognitivas facilitam, impedem ou agravam os vários tipos de preconceito. Foi utilizado os bancos de dados JSTOR, SAGE, Science Direct e PubMed, datados de 2008 a 2018 para revisão da literatura. Dessa forma, foram incluídos artigos completos, disponibilizados livremente online, que relacionavam habilidades cognitivas, inteligência geral ou raciocínio abstrato com preconceito. Assim sendo, foram encontrados 617 artigos, que após a leitura dos títulos, dos resumos e dos artigos, em sua íntegra, foram incluídos nesse trabalho somente oito dos artigos encontrados, todos na língua inglesa, em sua maioria nos Estados Unidos. Os resultados encontrados são que habilidades cognitivas relacionam-se negativamente com os diversos tipos de preconceito, ou seja, os estudos relataram a relação entre habilidades cognitivas com racismo, homofobia e discriminação de pessoas que: abusam de substâncias (álcool e drogas), são sem abrigo, tem amputação ou que tem deformação facial. Além disso alguns artigos encontraram que ideologia de direita, contato intergrupais, saliência de raça, constância de raça e pensamento essencialista para outros, seriam fatores mediadores na relação entre habilidades cognitivas e os diversos tipos de preconceitos. Dessa forma, sugere-se possibilidades de combater o preconceito, tal como, interação entre grupos diferentes, desenvolver as habilidades: verbal, de raciocínio, de flexibilidade, dentre outros.

Palavras-Chave: preconceito, inteligência, cognição

No início do século passado, Spearman (1904, 1927, citado por Duncan e colaboradores, 2000) descobriu que até certo ponto existia a tendência de que indivíduos que tiveram uma boa performance em um teste cognitivo, também teriam a habilidade de executar efetivamente diferentes testes cognitivos. Nesse delineamento, criou-se a hipótese que haveria uma inteligência geral ou fator G, que contribuiria para o desempenho dos indivíduos em todos os testes cognitivos. No seu modelo bi-fatorial Spearman, propõe que, além do fator G presente nas resoluções de problemas, estão presentes fatores S ou específicos, particulares para a realização de cada tarefa específica. (Schelini, 2006).

Baseado no modelo bi-fatorial de Spearman, bem como na teoria das capacidades primárias de Thurstone, Cattell (1942, 1998 citado por Schelini, 2006), constatou dois fatores gerais da inteligência, que ficaram conhecidos como inteligência fluida e inteligência cristalizada. A inteligência fluida envolveria capacidades mentais não verbais, sendo entendida como inata ou não dependente de experiências prévias, utilizada para realizar tarefas novas ou processos lógicos como dedução e indução. A inteligência cristalizada é adquirida por experiência, através da educação, formal ou não, utilizada na realização de tarefas cotidianas onde o conhecimento específico adquirido anteriormente seja necessário. (Schelini, 2006; Wechsler & Schelini, 2006).

Carroll (1993 citado por Wechsler & Schelini, 2006) para explicar o funcionamento intelectual, criou um modelo hierárquico composto por três camadas. Ainda, para agrupar as habilidades cognitivas, na terceira camada estaria presente o fator que abrange todas as outras habilidades, a inteligência geral, na segunda camada estariam oito fatores que abrangem as 69 habilidades específicas da primeira camada. Os oito fatores da segunda camada são: "1) Inteligência Fluida; 2) Inteligência Cristalizada; 3) Memória e Aprendizagem; 4) Percepção Visual; 5) Percepção Auditiva; 6) Recuperação da Informação; 7) Rapidez Cognitiva; 8) Rapidez de Decisão". (Carroll, 1993 citado por Wechsler & Schelini, 2006).

A habilidade cognitiva expressa o potencial de que em qualquer ocasião, em que todas as condições sejam favoráveis, indivíduos executem com sucesso em um determinado nível de dificuldade alguma tarefa cognitiva. Sendo essas, tarefas em que o processamento mental de informação é o maior determinante se a tarefa é concluída efetivamente. (Carroll, 1993).

A Cognição Social surgiu na década de 70, e é uma abordagem que buscou compreender como se dá o processamento de informações, afinal os seres humanos são

bombardeados diariamente por diversos conteúdos. E, dessa forma, buscou-se entender como os indivíduos compreendem o mundo e a si mesmo (Soares, 2014). A partir dessa compreensão, poderia se prever os comportamentos dos indivíduos. Para isso foi necessário o estudo dos processos cognitivos, ou seja, o uso da Neurocognição, que compreende as funções cognitivas básicas, tal como, atenção, memória e as funções executivas (Soares, 2014).

Por tanto, a teoria da cognição social veio para colocar o indivíduo no lugar de agente ativo, que tem suas experiências, observa as experiências dos outros e aprende com as mesmas. E para isso utiliza as funções cognitivas, ou seja, o processo mental. Deste modo, constrói sua visão de mundo, prediz o comportamento dos outros e regula seu próprio comportamento (Gaspar & Garrido, 2016).

Sendo assim, supõe-se que pessoas com déficits nas habilidades cognitivas ao serem expostas a indivíduos de um exogrupo, com que não possuem muito contato ou conhecimento prévio, possuíam níveis mais altos de ansiedade intergrupar, assim como rejeição a proximidade e dificuldade em inibir respostas preconceituosas involuntárias que estão presentes historicamente, fatores esses característicos do preconceito.

O termo atitude é explicado pela psicologia social a partir do ABC das atitudes: afeto, tendência de comportamento (*behavior tendency*) e cognição. Isto é, crenças e sentimentos, positivos ou negativos, sobre algo ou alguém, que levam às tendências de comportamentos (Myers, 2014). Dessa forma, o preconceito é considerado como uma atitude sempre de cunho negativo contra um grupo e seus pertencentes, estando motivado por crenças negativas também conhecidas de estereótipos, que designa-se por generalizar características reais ou não sobre um grupo e transferi-las para seus membros (Myers, 2014).

O preconceito pode ser dividido em dois tipos: o flagrante, aquele que é expressado de forma mais aberta, contendo atitudes explícitas que são conscientes, que se direcionam negativamente a determinados grupos. Por outro lado, tem-se o preconceito sutil, também conhecido como moderno, pois é manifestado de forma velada, sendo mais difícil de ser identificado, onde às atitudes são implícitas, ou seja, são automáticas (Myers, 2014; Gusmão e colaboradores, 2016). Os viés flagrantes são relacionados a ameaças intergrupar percebidas, sendo essas, de valores ou econômicas, em contrapartida, os viés sutil tem origem em conflito interior (Fiske & Taylor, 1991).

Esse preconceito é sustentado pela desigualdade de poder, ocasionando para as pessoas com orientação à dominação social a tendência de utilizar-se de estereótipos para justificar e manter o seu grupo no poder, tendendo ver os outros grupos como menos (Myers, 2014). De acordo com o *stereotype content model* os indivíduos e/ou grupos tem que responder a duas perguntas quando apresentados a indivíduos e/ou grupos desconhecidos: “amigos ou inimigos” e “capazes ou incapazes” ([traduzido do inglês] Fiske & Taylor, 2013), que produzem respostas de percepção social de sociabilidade e competência (Fiske, Cuddy & Glick, 2007 citado por Fiske & Taylor, 2013). Quando se percebe competição incita-se respostas estereotípicas de sociabilidade, em que os aliados são vistos como calorosos e os inimigos como frios. Já quando se percebe status, gera-se estereótipo de competentes para os ricos e de incompetentes para os pobres (Fiske & Taylor, 2013). Por exemplo, em algumas sociedades, os idosos são vistos como calorosos, porém incompetentes e os sem abrigos são vistos, além de incompetentes, também como frios e de pouca confiança (Cuddy, Fiske, Kwan, et al., 2009 citado por Fiske & Taylor, 2013). Com o tempo, a posição social dos grupos pode mudar e com isso os estereótipos também mudaram. (Fiske & Taylor, 2013).

Quando existe muita competição entre grupos por recursos insuficientes, o preconceito se instala através de membros de algum grupo depositarem a culpabilidade de suas frustrações em outros grupos (Myers, 2014). Essa competição pode ser por “prestígio, dinheiro, poder militar” ([traduzido do inglês] Campbell, citado por 1965 Fiske & Taylor, 1991). Do mesmo modo o viés endogrupal, leva os indivíduos a favorecerem ao grupo em que pertencem em detrimento dos outros grupos (Myers, 2014). Após enraizado, o preconceito é mantido pela conformidade da população. Caso o preconceito seja algo aceito socialmente, o indivíduo, mesmo que não concorde com o preconceito, não falará nada pela necessidade de ser aceito (Myers, 2014).

Theodor Adorno e colegas (1950 como citado em Myers, 2014) buscando as raízes psicológicas do antissemitismo, criou a teoria da personalidade autoritária, supondo que pessoas etnocêntricas são mais propensas ao preconceito e estereótipos e submissas a uma autoridade do seu endogrupo. Em pesquisa com várias amostras de adultos, Adorno e colegas (1950 como citado em Dhont & Hodson, 2014), revelaram relação negativa entre etnocentrismo e habilidades mentais, tendo como premissa os testes de inteligência geral, compreensão mecânica e leitura.

Costello e Hodson (2014) demonstraram que crianças brancas que tinham dificuldades nas provas operatórias de Piaget de conservação de quantidade de líquidos e de

inclusão de classe, atribuíam menos características específicas humanas para crianças negras e as avaliaram mais negativamente. Em um estudo longitudinal, Kutner e Gordon (1964) descobriram que crianças que eram mais preconceituosas aos sete anos e que continuavam mais preconceituosas após nove anos, aos 16 anos de idade, obtiveram baixos escores em testes de inteligência nas duas idades. Em outro delinear, as crianças que manifestaram respostas menos preconceituosas após os nove anos tiveram aumento nas suas habilidades cognitivas. E ainda, as crianças que inicialmente atingiram o menor grau de preconceito permaneceram assim, bem como dispunham de escores altos em testes de inteligência com sete e 16 anos de idade.

Apesar de muitos estudos sobre o preconceito, permanece o interesse por compreender quais fatores e como esses facilitam, agravam ou impedem o preconceito, haja vista a falta de literatura brasileira e internacional disponível sobre a relação existente entre habilidades cognitivas e preconceito. Por fim, essa pesquisa busca compreender e descrever a partir da literatura encontrada, como as habilidades cognitivas facilitam, impedem ou agravam os vários tipos de preconceito.

Método

A pesquisa de revisão sistemática da literatura será conduzida em bases de dados disponíveis online para acesso público, a saber: JSTOR, SAGE, Science Direct e PubMed. Para a busca, foram adotados os seguintes descritores, de maneira combinada alternadamente, na língua inglesa: *cognitive abilities, general intelligence or abstract reasoning associated with prejudice*; e na língua portuguesa: habilidades cognitivas, inteligente geral ou raciocínio abstrato associado com preconceito.

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: artigos completos, disponibilizados livremente online, publicados no período de 2008–2018, que relacionam diretamente alguma habilidade cognitiva específica ou inteligência geral com preconceito. Os critérios de exclusão foram: artigos publicados antes de 2008, artigos repetidos, indisponíveis ou com problemas de exibição, e os que após a leitura do abstrato não corresponderem ao objetivo da pesquisa.

Resultados

Realizou-se a pesquisa em Agosto de 2018, ao utilizar os descritores selecionados na língua inglesa, a qual obteve-se um total de 617 artigos, dos quais 46 foram aceitos após à leitura dos títulos, sendo que seis foram excluídos por serem repetidos. Fez-se a leitura dos resumos de 40 artigos. Posteriormente, 19 artigos ainda seguiam os critérios de inclusão e foram lidos em sua íntegra.

Desses 19 artigos, dois foram excluídos por falarem de estilos cognitivos e não de habilidades cognitivas, três não foram encontrados disponíveis em sua íntegra, três não relacionavam diretamente habilidades cognitivas com preconceito e três abordavam apenas brevemente preconceito e/ou habilidades cognitivas. No final, apenas oito adequaram-se aos critérios adotados para este estudo. Assim, essa busca dividida por bancos de dados pode ser observada na Tabela 1.

A pesquisa realizada com os descritores selecionados na língua portuguesa obteve seis resultados, o que totaliza todos os bancos de dados, tendo em vista que nenhum correspondia aos critérios de inclusão após a leitura do título.

Tabela 1:
Resultados das pesquisas nos bancos de dados.

Base de dados	Total	Aceitos com base no título	Repetidos	Aceitos com base no resumo	Aceitos com base na íntegra do artigo
JSTOR	135	21	-	9	2
SAGE	211	11	3	4	2
ScienceDirect	214	6	0	3	1
PubMed	57	8	3	4	3

Em uma pesquisa realizada na Austrália, utilizando dos dados coletados anualmente pelo HILDA (*Household, Income and Labour Dynamics in Australia*) através de entrevistas presenciais e/ou de questionários, entre o período de 2001 a 2015, aos mesmos participantes, australianos maiores de 15 anos, com um total de 11,654 indivíduos. Para essa pesquisa relacionaram os dados de três testes que avaliam habilidades cognitivas: 1) NART-25: habilidade verbal; 2) SDMT: varredura visual, atenção dividida e velocidade motora; 3) BDS: memória de trabalho, com os dados coletados em relação as atitudes em relação à pessoas

LGBT, que foram avaliadas através da concordância em relação aos direitos iguais para casais homossexuais (Perales, 2018).

Os resultados sugerem que indivíduos com baixas habilidades cognitivas expressaram menos atitudes em favor dos direitos iguais para casais homossexuais. Enquanto todos os testes de habilidade cognitiva foram associados positivamente com apoio aos direitos iguais, o NART-25 foram os mais influentes. Sugerindo que, a habilidade verbal se relaciona mais fortemente com as atitudes em relação às pessoas LGBT do que varredura visual, atenção dividida e velocidade motora (SDMT), ou ainda, memória de trabalho (BDS). Essa pesquisa também demonstra que na associação de habilidade cognitiva e educação com atitudes em relação às pessoas LGBT, ambos podem ter papéis diferentes e sobrepostos sem relação de moderação (Perales, 2018).

O artigo de Ito et al. (2015), tinha como objetivo analisar como e em qual nível às funções executivas (FE) interagem com o preconceito racial implícito. Utilizaram-se três testes para cada uma de três habilidades de função executiva: controle inibitório, memória operacional e flexibilidade cognitiva, para um total de nove testes, assim como utilizaram de três testes de atitudes implícitas, modificados para avaliar a mesma associação: negros = perigo. Após calcularem os scores para os processos automático e os processos de controle durante a realização desses testes, concluíram com a tarefa de realocação de fundos de Correll, Park e Smith (2008) para medir de forma indireta viés raciais (Ito et al, 2015).

Sendo assim, essa pesquisa contou com 485 participantes, entre 18 e 42 anos, estudantes de matérias de introdução à psicologia, de três universidades em regiões diferentes, 411 se identificaram como brancos, com o restante se identificando com outras raças. Apenas 406 participantes concluíram as duas sessões das pesquisas. Em decorrência de: erro do equipamento, erro do pesquisador e/ou respostas obtidas por chance nos testes, puderam contar com dados usáveis de 94.6% dos participantes. Os participantes receberam créditos acadêmicos ou dinheiro para participar da pesquisa (Ito et al, 2015).

Nos três testes implícitos, foram verificados que os processos automáticos são positivamente associados com viés racial enquanto que as funções executivas são negativamente associadas. Já em dois dos testes de atitudes implícitas, funções executivas serviria como mediador entre processamento automático e viés racial. Todas as funções executivas se relacionam positivamente com processamento de controle em dois dos três testes de viés implícitos, enquanto no terceiro teste, *Updating-specific ability* (específico para

memória de trabalho), relaciona-se positivamente e *Shifting-specific ability* (específico para flexibilidade cognitiva), relaciona-se negativamente. Os três testes implícitos concordam que motivação interna é associado negativamente com viés racial. Entretanto apenas um dos testes implícitos demonstra que motivação externa é positivamente associado com viés racial, com as funções executivas mediando essa relação. (Ito et al, 2015).

Hodson, Meleady e Earle (2017) fizeram uma revisão literária sobre contato intergrupal e seus efeitos no preconceito e nas habilidades cognitivas, a partir da literatura de diferentes ciências da psicologia: “educacional, aculturação, processos de grupo e psicologia política”. (traduzido do inglês).

O contato intergrupal, seja por meio de amizade direta ou indireta (conhecimento que um membro do seu endogrupo é amigo de um membro de um exogrupo); contato imaginado; contato parasocial (personagens nas diversas mídias: series, filmes, livros, jogos, etc.) ou transferência secundária (contato com exogrupo x também resulta em atitudes positivas para outros exogrupos), é efetivo em reduzir o preconceito, gerar percepções mais positivas de exogrupos, incitar a vontade e busca de interação com membros de exogrupos (Pettigrew, 1998; Laar, and Sidanius, 2003; Wright, Aron, McLaughlin-Volpe, and Ropp, 1997; Yet Schiappa, Gregg, and Hewes, 2005; Schiappa, Gregg, & Hewes, 2006; Hoffarth & Hodson, n.d.; Crisp & Turner, 2009, 2012; Crisp, Birtel, & Meleady, 2011; Vezzali, Crisp, Stathi, & Giovannanini, 2015; Pettigrew, 2009; citados por Hodson, Meleady & Earle, 2017).

Já as pesquisas que relacionam o contato intergrupal e habilidades cognitivas, demonstram que após contato imaginado (pensar em pessoas com combinações opostas aos estereótipos do grupo pertencente), aumenta a habilidade de executar corretamente: problemas de raciocínio e teste de pensamento lateral, como também, tem melhores resultados em avaliações de criatividade (Tversky and Kahneman, 1974; Vasiljevic and Crisp, 2013; Gocłowska, Crisp, & Labuschagne, 2013; Gocłowska et al., 2013; Neuberg & Newsom, 1993; citados por Hodson, Meleady & Earle, 2017).

Contato intergrupal entre membros de diferentes raças também foi associado com a expansão da: “complexidade atribucional; das habilidades analíticas e de resolução de problemas e do pensamento crítico” (Hurtado, 2005; Hurtado, 2001; Nelson Laird, 2005; Pascarella, Palmer, Moye, & Pierson, 2001; citados por Hodson, Meleady & Earle, 2017); Presença por grandes quantidades de tempo em ambientes onde a diversidade é proeminente, como: morar no exterior e ter amigos ou relacionamentos com membros de culturas

diferentes, trazem benefícios para a flexibilidade cognitiva e criatividade (Pauker e colegas, n.d.; Maddux and Galinsky, 2009; Lu e colega, 2017; citados por Hodson, Meleady & Earle, 2017), enquanto os “grupos de aprendizagem cooperativa” além de melhorar as relações intergrupais, faz com que os estudantes alcancem melhores resultados acadêmicos (Carroll, 1986; Crone & Portillo, 2013; Perkins & Saris, 2001; Walker & Crogan, 1998, citado por Hodson, Meleady & Earle, 2017).

Um estudo utilizou de imagem por ressonância magnética funcional (fMRI), para avaliar os efeitos que o processo de envelhecimento tem na regulação de estereótipos, para isso contaram com 42 idosos (média: 73.14 anos), e 23 jovens adultos (média:19.53 anos). Todos os participantes passaram por uma bateria de testes cognitivos para avaliar a funcionalidade do lobo frontal. Esses testes avaliavam: flexibilidade cognitiva; fluência verbal e memória operacional, com base nos resultados, dividiram os idosos em dois grupos: com alto-funcionamento e com baixo-funcionamento. Realizaram um teste de “motivação para controlar preconceito” (Dunton & Fazio, 1997 citado por Krendl, Heatherton & Kensinger, 2009) de onde foram retirados os itens relacionados a raça. Os resultados indicam que não houve diferença nos três grupos em relação a motivação de controlar o preconceito. Sete idosos e cinco jovens adultos foram eliminados por movimentarem excessivamente a cabeça durante o fMRI, restando 18 idosos de alto-funcionamento, 17 idosos de baixa-funcionamento e 18 jovens adultos (Krendl, Heatherton & Kensinger, 2009).

Durante as sessões de fMRI, apresentaram de imagens de controle (imagens de pessoas sem estigma) e imagens de quatro grupos estigmatizados: abusador de substâncias (álcool e drogas), indivíduos com amputações, indivíduos com deformações faciais e sem abrigos. Ao serem apresentados as imagens era pedido aos que avaliassem o quanto gostavam de cada indivíduo. Ao avaliar como os indivíduos relataram gostar de cada indivíduo encontraram que idosos com baixo-funcionamento não distinguia entre as subcategorias de grupos estigmatizados como os jovens adultos e os idosos com alto-funcionamento, que demonstraram ter escores mais favoráveis para os grupos percebidos menos negativamente (indivíduos com deformações faciais ou amputações), como também fizeram essa avaliação mais rápido do que idosos com baixo-funcionamento (Krendl, Heatherton & Kensinger, 2009).

Análises sobre atividade neuronal revelou que todos os participantes tiveram um aumento de atividade nas regiões do cérebro, relacionadas ao processamento automático e ao

processamento controlado quando apresentados com imagens de pessoas dos grupos estigmatizados, com os idosos com alto-funcionamento ativando mais as regiões de processamento controlado do que os outros dois grupos, enquanto os jovens adultos ativaram mais a área associada com mentalização e empatia, quando apresentadas imagens de controle ou do grupo percebido menos negativamente (Krendl, Heatherton & Kensinger, 2009).

Os resultados indicam que declínios nas funções executivas causadas pelo processo de envelhecimento diminui a habilidade dos idosos em regular os viés negativos relacionados a indivíduos estigmatizados. Apesar dos jovens adultos e os idosos com alto-funcionamento expressarem atitudes explícitas parecidas, as atividades neuronais indicam que utilizaram de processos diferentes para atingir resultados comportamentais semelhantes (Krendl, Heatherton & Kensinger, 2009).

Uma meta análise com base em dois bancos de dados do Reino Unido e uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, buscou avaliar se ideologia de direita, autoritarismo e contato intergrupar seriam fatores mediadores entre habilidades cognitivas e preconceito (Hodson & Busseri, 2012).

Na análise feita no Reino Unido contaram com dois bancos de dados nacionais: o “1958 *National Child Development Study* (NCDS) e o “1970 *British Cohort Study* (BCS)”. O NCDS continha 8, 804 participantes que nasceram em 1958 enquanto que o BCS continha 7,070 participantes que nasceram em 1970. Esses bancos de dados avaliaram as habilidades cognitivas quando seus participantes tinham 11 anos no NCDS e 10 anos no BCS, e colheram dados sobre racismo e ideologia de direita aos 33 anos no NCDS e 30 anos no BCS (Hodson & Busseri, 2012).

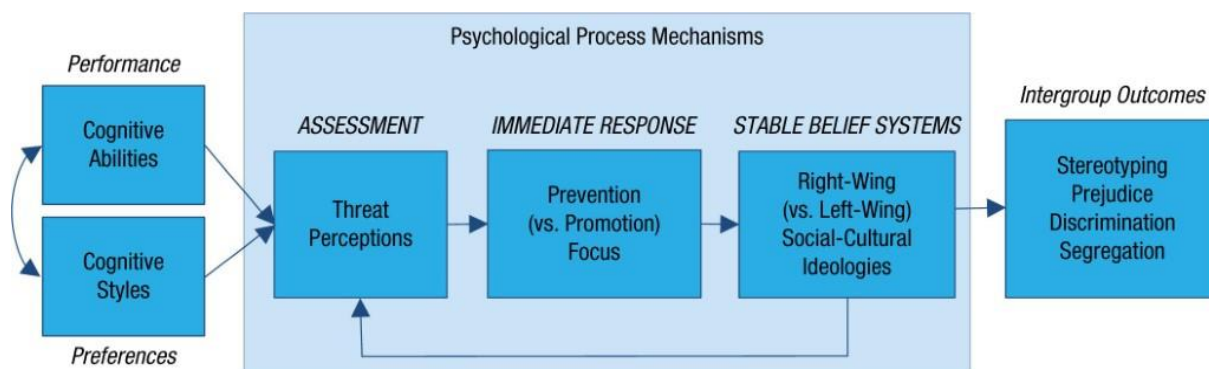
O NCDS avaliou a inteligência verbal e não verbal, enquanto o BCS utilizou do “*British ability scales*” para avaliar percepção, raciocínio, memória e velocidade de processamento, ao utilizar materiais figurativos, verbais e numéricos (GL Assessment, n.d.), utilizaram dos scores para representar o fator g (inteligência geral). Ambos os bancos de dados avaliaram ideologia de direita a partir da concordância com itens como respeito e submissão a autoridades e papéis tradicionais de gênero, as atitudes em relação às pessoas de outras raças foram medidas por 5 itens verificando a rejeição a proximidade (Hodson & Busseri, 2012).

No NCDS encontraram uma associação negativa entre o fator g e ideologia de direita e entre fator g e racismo, como também encontraram uma relação positiva entre ideologia de direita e racismo, com ideologia de direita servindo como mediador entre fator g e racismo. O BCS encontrou resultados semelhantes apenas com diferença no fator mediador de ideologia de direita, que perde a força em mulheres, e só explica parcialmente a relação, com o fator g e o racismo continuando relacionados negativamente mesmo com a introdução de ideologia de direita. Todos os resultados foram independentes de educação e status socioeconômico (Hodson & Busseri, 2012).

Para avaliar a população do Estados Unidos contaram com os dados coletados por Keiller (2010 citado por Hodson & Busseri, 2012), nessa pesquisa a habilidade cognitiva testada foi o raciocínio abstrato, a ideologia de direita foi avaliada através do autoritarismo e o preconceito foi em relação a homossexuais, também mediu o contato intergrupar como possível fator mediador. Contaram com 254 participantes, todos esses universitários, assim o fator “educação” foi controlado e não é um fator mediador (Hodson & Busseri, 2012).

Os resultados indicam uma relação negativa entre raciocínio abstrato e preconceito, raciocínio abstrato e ideologia de direita, e uma relação positiva entre ideologia de direita e preconceito, com ideologia de direita e contato intergrupar servindo como fatores mediadores na relação entre raciocínio abstrato e preconceito. Também foram encontradas uma relação positiva entre raciocínio abstrato e contato intergrupar, bem como uma relação negativa entre contato intergrupar e preconceito (Hodson & Busseri, 2012).

Construindo na base literária sobre a relação entre baixas habilidades cognitivas e apoio a ideologias de direita e na relação da mesma com preconceito Dhont e Hodson (2014) baseados em literatura teórica e empírica, propõe um modelo conceptual, o “*Cognitive Ability and Style to Evaluation (CASE)*”, argumentando que as habilidades cognitivas e os estilos cognitivos têm um papel indireto em prever preconceito, discriminação e estereótipos.



Nota. Fonte: Recuperado de Does Lower Cognitive Ability Predict Greater Prejudice? p. 457.

Dhont e Hodson (2014) propõe que as variáveis cognitivas influenciam na percepção de ameaças de forma direta, assim pessoas com baixas habilidades cognitivas, que preferem ordem e estabilidade, podem perceber ambientes mutáveis como ameaçadores. As reações de prevenção instigadas pela percebida ameaça, enfatizam o *status quo* para reduzir a ansiedade e o potencial de perigo. Essas reações de prevenção, com o tempo, podem gerar busca por orientações mais focadas em prevenção (Janoff-Bulman, 2009 citado por Dhont & Hodson, 2014), como ideologia de direita e sistemas religiosos, que focam em manter o *status quo* e resistir a mudança (Jost et al., 2003 citado por Dhont & Hodson, 2014). Por sua vez as ideologias de direita: “aumenta pensamento estereotípico (Castelli & Carraro, 2011), atitudes preconceituosas (Sibley & Duckitt, 2008), discriminação (Sidanius & Pratto, 1999) e evitação de exogrupos (Hodson, 2011).” (Dhont & Hodson (2014) [traduzido do inglês]).

Dhont e Hodson (2014) concluem que: “percepção de ameaça, ideologia de direita como atitudes sociais conservadoras, e atitudes negativas para exogrupos, podem reforçar mutuamente uns aos outros”.

O artigo de Pauker, Ambady e Apfelbaum (2010) buscou verificar quando as crianças começam a desenvolver estereótipos raciais, e possíveis causas para o desenvolvimento, como: saliência racial, pensamento essencialista relacionado a raça, constância racial e habilidade de classificação. Contaram com 89 crianças, entre 3 e 10 anos, a maioria “Europeu Americano”.

Pauker, Ambady e Apfelbaum (2010), para averiguar a associação entre as raças: Europeu Americano, Asiático Americano e Africano Americano; e estereótipos negativos e positivos, contavam histórias relacionadas ao contexto escolar (interação com os pares, atividades extracurriculares e educação) e apresentavam uma foto de indivíduos das raças acima que seria relacionada com o estereotipo da história e uma foto de controle, ambas do sexo masculino, e perguntavam sobre qual deles era a história. Com o objetivo de avaliar a

habilidade das crianças em classificação pediram que elas separassem imagens de pessoas por grupo, já a saliência racial foi determinada através de se as crianças dividiram essas imagens por raça, e se elas justificavam a diferença entre imagens de pessoas por raça em uma segunda tarefa. O pensamento essencialista relacionado a raça foi avaliado a partir de três passos: identificação, estabilidade e consistência (Hirschfeld, 1995; Ruble et al, 2007; Semaj, 1980 citados por Pauker, Ambady & Apfelbaum, 2010).

Os resultados indicam que tanto os estereótipos positivos quanto os negativos para o exogrupo aumentam com idade, e que os estereótipos para endogrupo e exogrupo surgem em idades diferentes. Na atividade de classificação, metade das crianças tiveram scores perfeitos e dividiram por raça, e a partir dos 5–6 anos conseguiam justificar a divisão por raça. A constância racial apareceu um pouco mais tarde, com os indivíduos entre 6–7 faltando pouco para atingir os scores mais altos, vale notar que, constância racial para os “outros” se relacionou positivamente com estereótipos para exogrupos, mas constância racial para o “eu” relacionou-se negativamente com estereótipos para exogrupos. Apesar de idade e habilidade cognitiva se relacionarem positivamente com estereótipos para exogrupos, quanto introduzido: constância racial, pensamento essencialista relacionado a raça (para os outros) e saliência racial (dividir por raça), idade e habilidade cognitiva deixam de ser significativos (Pauker, Ambady & Apfelbaum, 2010).

A última pesquisa buscou analisar a influência que habilidade verbal exerce sobre atitudes raciais e as possíveis diferenças desse efeito nas gerações, aqui marcada pelas décadas em que o participante nasceu. Wodtke (2016) fez uso dos dados coletados pelo *General Social Survey* ([GSS] Smith et al. 2011 citado por Wodtke, 2016) entre 1972 e 2010, que conta com dados nacionais sobre: atitudes raciais, dados sociodemográficos, habilidades cognitivas e apoio a políticas. Os 44.873 participantes eram brancos, 56% desses são mulheres, com média de idade de 46.5 anos e a média de respostas corretas no teste de habilidade verbal foi de 6 (score varia entre 0 e 10) (Wodtke, 2016).

Os diversos aspectos das atitudes raciais avaliados foram: “preconceito anti-negro, visão sobre igualdade negro-branco em princípio, percepção de discriminação, e opinião sobre políticas raciais redistributivas e de melhoria de oportunidades” ([traduzido do inglês] Wodtke, 2016). Para avaliar a habilidade verbal cristalizada utilizaram o *Gallup-Thorndike Verbal Intelligence Test (GTVIT)* que é um teste de vocabulário, em versão abreviada.

Os resultados indicam que a habilidade verbal foi negativamente associada com atitudes preconceituosas, positivamente associada com maior apoio a igualdade racial e maior reconhecimento de discriminação. Pessoas com alta habilidade verbal tem maior probabilidade de apoiar políticas de melhoria de oportunidade do que pessoas com baixas habilidades verbais, e em relação às políticas redistributivas, habilidade verbal não tinha efeito ou em alguns casos tinha efeito negativo. Vale notar que os participantes com altas habilidades verbais tendiam a dar respostas neutras e evitar respostas preconceituosas. Os participantes com baixas habilidades tendiam a dar respostas nos dois extremos. Na análise feita nas diferenças geracionais encontraram que a habilidade verbal é mais fortemente associada com as atitudes raciais medidas a partir das gerações nascidas após 1950 (Wodtke, 2016).

Para verificar porque os participantes com altas habilidades são contra políticas redistributivas, analisaram se seria porque não querem que o governo transgrida em direitos individuais, para isso analisaram as respostas dos participantes em relação às políticas que infringiam nos direitos individuais para o melhor de todos, sem cunho racial e encontraram que eram mais prováveis de apoiar essas políticas do que indivíduos com baixas habilidades verbais. Outra explicação proposta foi que indivíduos com altas habilidades verbais percebiam essas políticas como ineficazes e não por infringir nos seus interesses, para isso dividiram os participantes em subgrupos que seriam afetados por determinada política redistributiva, e encontraram que as pessoas com altas habilidades cognitivas eram menos prováveis de apoiar políticas que prejudicavam os seus interesses (Wodtke, 2016).

Discussão

Esta pesquisa teve como objetivo descrever a partir da literatura mundial como as habilidades cognitivas facilitam, impedem ou agravam os diversos tipos de preconceitos. Tal como os resultados demonstraram, a maioria das publicações se concentram nos Estados Unidos, representando sete publicações das oito selecionadas para esse estudo, entretanto, um dos estudos publicados nos Estados Unidos analisou dois bancos de dados do Reino Unido. A oitava publicação teve origem na Austrália. Não se encontrou nenhum artigo no Brasil que corresponda a esse tema com os descritores e os bancos de dados utilizados nessa pesquisa.

Todos os artigos aqui descritos encontraram que as habilidades cognitivas são relacionadas negativamente com diversos preconceitos. Com alguns artigos encontrando os seguintes fatores mediadores: ideologia de direita; contato intergrupar; constância racial, pensamento essencialista relacionado a raça dos outros e saliência racial.

Na pesquisa de Krendl, Heatherton e Kensinger (2009) sobre a relação entre envelhecimento e regulação de preconceito, encontraram que os indivíduos quando são apresentados a estímulos carregados de estigma social o cérebro responde ativando as áreas de processamento automático e processamento controlado. Porém, os idosos de alto funcionamento cognitivo ativam mais às áreas relacionadas ao processamento controlado, do que os idosos de baixas habilidades cognitivas. Na pesquisa sobre o papel das funções executivas na inibição de atitudes implícitas (Ito et al, 2015) demonstraram que devido ao processamento automático as pessoas emitiam mais respostas preconceituosas, mas que as funções executivas servem como fator mediador nessa relação. Pode-se dizer que sem o estigma social/estereótipos presentes ativando os processos automáticos, às funções executivas não se relacionariam com o preconceito, mas com a existência do estigma social/estereótipos, as funções executivas demonstram ser um fator importante na inibição de respostas preconceituosas.

Na pesquisa de Wodtke (2016) sobre habilidade verbal e preconceito, as pessoas com altas habilidades verbais rejeitavam políticas redistributivas, e não eram mais propensas do que as com baixas habilidades à apoiarem políticas de aumento de oportunidade para negros, enquanto na pesquisa de Perales (2018) realizada na Austrália, encontrou-se que altas habilidades cognitivas, em especial a habilidade verbal, eram relacionadas com maior apoio para que os casais homossexuais tenham os mesmos direitos do que casais heterossexuais. Esses resultados divergentes podem ser explicados pela diferença em população: Estados Unidos e Austrália; as diferenças geracionais dos dados: 1972–2010 e 2001–2015; ou pelas políticas serem direcionadas a diferentes grupos: negros e casais homossexuais.

Em Wodtke (2016) as habilidades verbais só começam a ter influência sobre as atitudes raciais, durante e após o movimento dos direitos civis, ou seja, quando era esperado que atitudes raciais fossem controladas, assim a teoria proposta era que as pessoas com altas habilidades verbais não eram menos preconceituosas, mas apenas conseguiriam mascarar melhor suas atitudes explícitas por já não serem mais socialmente aceitas. Em Ito (et al, 2015), alta motivação externa para controlar respostas preconceituosas resultavam em mais

víeis implícitos e explícitos, porém a relação positiva com atitudes implícitas, era mais forte em pessoas com baixas habilidades cognitivas. Entretanto a motivação interna resultava em menos respostas preconceituosas e sem efeito mediador das habilidades cognitivas. Então, habilidades cognitivas somente são importantes para controlar respostas preconceituosas se a motivação para controlar essas respostas for externa e não interna.

Sobre os fatores mediadores, pode se dizer que o contato intergrupar parece estar em uma cadeia de sequência fechada, onde aqueles com maiores habilidades cognitivas buscam mais contato intergrupar (Hodson & Busseri, 2012), e aqueles que participam de contato intergrupar tem momentaneamente as suas habilidades cognitivas elevadas (Hodson, Meleady & Earle, 2017) e após experienciarem contato intergrupar buscam ter mais contato (Hodson, Meleady & Earle, 2017). Já sobre ideologia de direita, demonstraram que aqueles com menores habilidades cognitivas buscam mais ideologia de direita (Hodson & Busseri, 2012; Dhont & Hodson, 2014), e quanto mais forte a ideologia de direita maior a emissão de respostas preconceituosas e maior rejeição ao contato intergrupar (Hodson & Busseri, 2012; Dhont & Hodson, 2014). A ideologia de direita foi descoberta como mediadora em bancos de dados dos Estados Unidos e Inglaterra, esses achados podem variar por país, e por grupo social, já que a ideologia de direita perde a força em mediar a relação entre habilidades cognitivas e racismo em mulheres, possivelmente por um dos itens de avaliar a ideologia de direita seria o apoio a papéis tradicionais de gênero, que são desvantajosos para as mulheres (Hodson & Busseri, 2012). Além disso, em relação a outros tipos de preconceitos, como na pesquisa de Krendl, Heatherton e Kensinger (2009) que tem como objeto de estudo o preconceito para com abusadores de substâncias e sem abrigos, pode ser que a ideologia de direita seja fator mediador, mas em relação ao preconceito às pessoas com amputações e deformações faciais, possivelmente a ideologia de direita não media a relação das habilidades cognitivas e preconceito nesse caso, ou em outros tipos de preconceito, algo que pesquisas futuras devam investigar.

Em Pauker, Ambady e Apfelbaum (2010) encontraram que constância racial, pensamento essencialista relacionado a raça (para os outros) e saliência racial (dividir por raça), mediava a relação entre habilidade cognitiva e estereótipos, no entanto, vale notar que o instrumento utilizado para avaliar a habilidade cognitiva de classificação, envolve classificar, assim como dividir as pessoas por grupos, incitaria respostas de saliência racial.

Apesar de todos os artigos encontrados concordarem com a relação entre habilidades cognitivas e de que algumas pesquisas contaram com alguns bancos de dados com grandes amostras populacionais, esses dados não podem ser generalizados, porque são concentradas nos Estados Unidos, não tendo sido encontrados artigos do tipo no Brasil ou na América latina. Além disso, esses estudos relataram a relação entre habilidades cognitivas com racismo, homofobia e discriminação de pessoas que: abusam substâncias, são sem abrigo, tem amputação ou que tem deformação facial. Outras pesquisas poderiam avaliar a possibilidade de as habilidades cognitivas se relacionarem negativamente com outros tipos de preconceito como sexismo, *ageism*, pessoas com deficiências e outros. Trabalhos desse tipo são difíceis devido à dificuldade de encontrar investimento financeiro, de recursos e tempo, para administrar diversos testes, os corrigir e analisar os dados, como também seria difícil obter participantes dispostos a participar nessas pesquisas.

Assim, os resultados apresentados aqui podem informar novas maneiras de combater o preconceito, como grupos cooperativos formados por membros de grupos sociais diferentes para fornecer experiências positivas de contato intergrupar e desenvolver nos indivíduos as habilidades como raciocínio abstrato, habilidade verbal, flexibilidade cognitiva, controle inibitório, memória operacional e de reconhecimento de emoções.

Referências

- Carroll, J. B. (1993). *Human cognitive abilities: A survey of factor-analytic studies*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Costello, K., & Hodson, G. (2014). Explaining dehumanization among children: The interspecies model of prejudice. *British Journal of Social Psychology*, 53(1), 175-197.
- Dhont, K., & Hodson, G. (2014). Does lower cognitive ability predict greater prejudice?. *Current Directions in Psychological Science*, 23(6), 454-459.
- Duncan, J., Seitz, R. J., Kolodny, J., Bor, D., Herzog, H., Ahmed, A., ... & Emslie, H. (2000). A neural basis for general intelligence. *Science*, 289(5478), 457-460.
- Fiske, S. T., & Taylor, S. E. (2013). *Social cognition: From brains to culture*. Sage. pp 282-283, p 300, p 034.
- Gaspar, Rui & Garrido, Margarida. (2016). *Cognição Social [Social Cognition]*. 193-240.
- GL Assessment (n.d). *British Ability Scales*. Assess children's current intellectual functioning. Recuperado em 10 de dezembro de 2018 de <https://www.gl-assessment.co.uk/products/british-ability-scales-bas3/>
- Gusmão, Estefânea Élide da Silva, Nascimento, Bruna da Silva, Gouveia, Valdiney Veloso, Moura, Hysla Magalhães de, Monteiro, Renan Pereira, Ferreira Filho, Laurentino Gonçalves, & Costa, Káren Maria Rodrigues da. (2016). Valores Humanos e Atitudes Homofóbicas Flagrante e Sutil. *Psico-USF*, 21(2), 367-380.
- Hodson, G., & Busseri, M. A. (2012). Bright minds and dark attitudes: Lower cognitive ability predicts greater prejudice through right-wing ideology and low intergroup contact. *Psychological science*, 23(2), 187-195.
- Hodson, G., Crisp, R. J., Meleady, R., & Earle, M. (2018). Intergroup contact as an agent of cognitive liberalization. *Perspectives on Psychological Science*, 13(5), 523-548.
- Ito, T. A., Friedman, N. P., Bartholow, B. D., Correll, J., Loersch, C., Altamirano, L. J., & Miyake, A. (2015). Toward a comprehensive understanding of executive cognitive function in implicit racial bias. *Journal of Personality and Social Psychology*, 108(2), 187.
- Krendl, A. C., Heatherton, T. F., & Kensinger, E. A. (2009). Aging minds and twisting attitudes: An fMRI investigation of age differences in inhibiting prejudice. *Psychology and aging*, 24(3), 530.
- Kutner, B., & Gordon, N. B. (1964). Cognitive functioning and prejudice: A nine-year follow-up study. *Sociometry*, 66-74.
- Myers, D. G. (2014). *Psicologia Social-10*. AMGH Editora. p 114, pp 247-261.
- Pauker, K., Ambady, N., & Apfelbaum, E. P. (2010). Race salience and essentialist thinking in racial stereotype development. *Child Development*, 81(6), 1799-1813.
- Perales, F. (2018). The cognitive roots of prejudice towards same-sex couples: An analysis of an Australian national sample. *Intelligence*, 68, 117-127.

- Soares, M. D. S. (2014). A cognição social e suas funcionalidades neurológicas nas condutas antissociais.
- Schelini, P. W. (2006). Teoria das inteligências fluida e cristalizada: início e evolução. *Estudos de Psicologia*, 11(3), 323-332.
- Wechsler, Solange Muglia, & Schelini, Patricia Waltz. (2006). Bateria de habilidades cognitivas Woodcock-Johnson III: validade de construto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(3), 287-296. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722006000300005>
- Wodtke, G. T. (2016). Are smart people less racist? Verbal ability, anti-black prejudice, and the principle-policy paradox. *Social problems*, 63(1), 21-45.

(APA, 2012, p. 58)

Notas De Rodapé

As notas de rodapé são usadas para apresentar conteúdo adicional ou reconhecer a situação referente à permissão de direitos autorais.

Numere todas as notas de rodapé consecutivamente na ordem em que elas aparecem no artigo com numerais arábicos sobrescritos.

Consultar Manual APA, item 2.12. Exemplo p. 72.

Apêndices

Elemento opcional. Inclua o(s). Se não houver exclua esta página. Orientações p. 21 Manual de TCC.

Anexo(s)

(APA, 2012, p. 59)

Elemento opcional. Só devem ser incluídos apêndice e anexos se ajudarem os leitores a compreender, avaliar ou replicar estudos e/ou argumentos teóricos apresentados.
Orientações p. 21 Manual de TCC.

HABILIDADE

COGNITIVA

E

PRECONCEITOS

23